
**Do híbrido ao remoto: experiências docentes no ensino superior em
Campo Grande – MS**

Alan Silus¹
Josiane de Jesus Reis de Freitas²

Resumo: O *objetivo* deste trabalho é apresentar as experiências vividas como docentes de um curso de Licenciatura em meio à pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19), uma vez que as aulas presenciais suspensas fizeram com que os discentes do curso migrassem totalmente para um formato remoto. Como *metodologia* vamos apresentar de maneira descritiva as ações desenvolvidas por nós, para “amenizar” os impactos da mudança de um Ensino Híbrido para um Ensino Remoto Emergencial (ERE). Para *fundamentação teórica* buscamos sustentar nossas experiências metodológicas em Bandeira (2010), Camargo & Daros (2018), Campo Grande (2020a/2020b), Fialtro & Cavalcanti (2018), Godói e Silva (2016), Kalazantzis; Cope & Pinheiro (2020), Rojo (2012), Silus; Fonseca & Jesus (2020a/ 2020b), Tardif (2011) e Vasconcelos (2019). Esperamos que as *discussões e resultados* a ser apresentados possam colaborar com a prática docente de outros colegas, bem como suscitar um profícuo debate sobre as práticas pedagógicas no ERE.

Palavras-chave: Ensino Híbrido; Ensino Remoto Emergencial; Práticas Docentes; Ensino Superior.

**FROM HYBRID TO REMOTE: TEACHING EXPERIENCES IN HIGHER
EDUCATION IN CAMPO GRANDE - MS**

Abstract: The *objective* of this work is to present the experiences lived as teachers of a teaching course in the midst of the pandemic of the New Coronavirus (COVID-19), since the suspended face-to-face classes made the students of the course to migrate totally to a remote format. As a *methodology*, we will present in a descriptive way the actions developed by us, to “soften” the impacts of the change from Hybrid Education to Emergency Remote Education (ERE). For *theoretical foundation* we seek to support our methodological experiences in Bandeira (2010), Camargo & Daros (2018), Campo Grande (2020a / 2020b), Fialtro & Cavalcanti (2018), Godói e Silva (2016), Kalazantzis; Cope & Pinheiro (2020), Rojo (2012), Silus; Fonseca & Jesus (2020a / 2020b), Tardif (2011) and Vasconcelos (2019). We hope that the *discussions and results* to be presented can collaborate with the teaching practice of other colleagues, as well as stir up a fruitful debate about the pedagogical practices in the ERE.

¹ Mestre em Letras – Linguagem: Língua e Literatura (UEMS), Doutorando em Letras – Estudos Literários (UFMS - CPTL) é Professor do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN e Docente Substituto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campus de Três Lagoas - CPTL. Contato: alan.silus@ufms.br

² Graduada em Letras - Licenciatura Plena, habilitação Português/Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Anhanguera - UNIDERP (2008), especialista em Metodologia Do Ensino da Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER (2020), Mestranda em Estudos de Linguagens pela PPGEL-UFMS, estudante no grupo de pesquisas Letramentos e feminismos, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Keywords: Hybrid Teaching; Emergency Remote Teaching; Teaching Practices; Higher Education.

Introdução

Este artigo visa a apresentar as experiências vividas durante a docência em um Curso de Licenciatura em meio a pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19), uma vez que as aulas presenciais suspensas fizeram com que os discentes do curso migrassem totalmente para um formato remoto.

A pesquisa tem como caminhos metodológicos apresentar de maneira descritiva as ações desenvolvidas por nós, para “amenizar” os impactos da mudança da modalidade de Ensino Híbrido para o Ensino Remoto Emergencial (ERE) em nossas turmas em diversas disciplinas ministradas no Curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Privada de Campo Grande – MS.

Junto a essas reflexões, fez-se necessário construirmos alguns posicionamentos com relação à educação e às relações com o saber de forma que, consideramos que a pandemia promoveu em todos os docentes novos olhares aos contextos digitais, fazendo-os (mesmo que contrariados) adaptarem suas práticas aos meios tecnológicos e promover assim novos letramentos críticos e digitais.

1 Docência e pandemia: um impasse

Abordar a questão do ensino não presencial no Brasil, ainda é um grande desafio, pois as aulas não presenciais exigem tanto dos alunos quanto dos professores o uso consciente de um material tecnológico e muitas vezes esses recursos são desafiadores no processo ensino e aprendizagem como um todo. Principalmente quando se trata de aulas remotas um dos processos do Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Para Silus; Fonseca & Jesus (2020a)

A urgência de implementação do ERE, vem provocando uma mudança de comportamento dos gestores das IES brasileiras, sobretudo nas fragilidades de operação do uso das TDICs, já que muitos estudantes e professores dos cursos de graduação e pós-graduação não estavam preparados e possuíam baixo letramento digital. (SILUS; FONSECA; JESUS, 2020a, p. 03).

O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia, a COVID 19, que levou a população mundial a um isolamento social sem precedentes na história, e nesse cenário as instituições de ensino se viram obrigadas a enviar seus alunos para casa e tanto discentes, quanto professores, tiveram que se reinventar para que o ensino não fosse tão prejudicado. Iniciam-se então as aulas por meio do ERE, seja em tempo real ou por meio de vídeos gravados pelos próprios professores com recursos próprios. Este modelo de ensino trouxe, além de desafios, aprendizados preciosos a todos (docentes e discentes).

Sobre esses desafios, Silus; Fonseca & Jesus (2020b) apontam que não só os professores tiveram de adequar suas práticas, uma vez que eles tiveram de pensar sobre a atitude dos estudantes frente ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), pois

as mudanças educacionais já anunciavam, mesmo antes da pandemia, um novo olhar para o processo de aprendizagem. As formas de promover a educação estão inseridas nas novas ações da realidade contemporânea que temos da sociedade bem como o perfil dos novos estudantes, os quais se tornaram produtores de informação e conhecimento e, querem participar e compartilhar constantemente tudo o que estão vivenciando. (SILUS; FONSECA; JESUS, 2020b, p. 05).

Dessa forma, muitos professores motivados por um conhecimento oriundo da Pedagogia dos Multiletramentos, se reúnem com grande frequência em plataformas digitais para tratarem do assunto, dos desafios e dos aprendizados que essa nova maneira de ensinar trouxe para o momento histórico que vivemos.

Rojo (2012) em seus estudos pontua que o conceito de multiletramentos está diretamente ligado a uma multiplicidade de linguagem em suas diferentes formas textuais sejam esses impressos, digitais ou de diferentes mídias audiovisuais, assim nos mais variados universos dentro de uma diversidade cultural. Dessa forma é possível dizer que o sujeito “leitor” atualmente tem uma estreita relação com o ambiente tecnológico onde a comunicação ocorre de várias formas e em vários ambientes conectados ao mesmo tempo, ou seja, esse indivíduo em uma plataforma digital, pode estar conversando em uma rede social, redigindo ou lendo um e-mail, ouvindo música, ou ainda lendo a notícia que lhe interessa.

Em consonância com as perspectivas de Kalantzis; Cope & Pinheiro (2020) mostram que temos a necessidade dos multiletramentos como forma de ensino, uma vez

que esse formato de instrução substitui modos grafocêntricos tradicionais. Precisamos da interação das diferentes plataformas digitais e da forma de comunicação que elas nos oferecem. É possível e necessário que o professor explore e expanda seus conhecimentos através dos multiletramentos, aliando, com isso, as suas aulas em um contexto crítico com as plataformas digitais tecnológicas da atualidade.

A situação pandêmica em que estamos vivenciando requer a emergência das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TIDCs) que surgem como novas formas de promoção de linguagem. E com toda essa mudança é preciso pensar em um ensino crítico, competente que contemple as plataformas tecnológicas como ferramenta fundamental no processo ensino aprendizagem.

Em um universo dos multiletramentos poderíamos dizer que as aulas remotas no contexto da pandemia são atividades educacionais ofertadas por meio da tecnologia sem perdas na qualidade. Nesse contexto é possível lançar mão de todos os recursos tecnológicos possíveis: WhatsApp – com aulas individuais ou em grupos; Google Hangout Meet – com reuniões on-line que comportam até 100 (cem) pessoas ao mesmo tempo; Skype – para grupos menores; Google Forms – plataformas para avaliação no formato digital; Microsoft Teams – para trabalhos em equipe; dentre outros.

Contudo, todas as plataformas digitais que se têm em uso são instrumentos que requer técnicas e conhecimento de como manipulá-los, é nesse momento que nasce o desafio, pois nem todos os professores e alunos conhecem de forma satisfatória esses recursos, o que pode levar a algumas perdas em relação ao processo e qualidade do ensino e da aprendizagem. Nesse caso a solução pode demorar um pouco até que se tenha o domínio do uso da ferramenta.

Por outro lado, usar a tecnologia nas aulas do ERE fortalece a integração entre os alunos, bem como de suas atividades tanto individuais como em grupo, permitindo que todos possam se expressar. Rojo (2012) mensura que por meio das plataformas digitais o aluno sai da condição de passivo, expressando suas experiências prévias, suas opiniões e conhecimentos. Esse sujeito ativo torna-se, então, parte do processo ensino e aprendizagem o que contribui para sua formação crítica.

Ainda em acordo com Rojo (2012) as transformações sociais geradas pela educação só se tornam possíveis quando o alunado é posto em uma reflexão sobre suas práticas, de forma a melhorar sua vida e as dos que participam dela. Além disso, a tecnologia é uma ferramenta poderosa de nossa atualidade e os desafios oriundos no

trato de sua operacionalidade são pormenores diante dos benefícios desses equipamentos.

2 Pensar os multiletramentos na prática pedagógica

Segundo Rojo (2012) pode-se ou não envolver a tecnologia no trabalho com os multiletramentos. Então, para que se tenha uma prática multiletrada se faz necessária a busca pelos recursos tecnológicos e que esses estejam acessíveis a todos. Trabalhar textos diversificados oriundos das plataformas digitais é o que podemos chamar de processo evolutivo do ensino atualmente, sem esquecer os objetivos dos multiletramentos que constituem na formação do cidadão crítico.

Diante disso é possível citar algumas sugestões de atividades que podem ser adotadas no dia a dia em que o professor possa usufruir das plataformas digitais e seus inúmeros recursos para desenvolver da melhor forma seu fazer pedagógico. Tais como:

Propor pesquisas por meio da internet sobre temas diversos; promover a produção de texto multimodais (paródias, chistes, remixes, charges, vídeo minuto, blog, fanfics, ou outros gêneros sugeridos pelo próprio estudante) sem deixar de estimular e motivar a criatividade e individualidade de cada um; promover a comparação de textos as diferentes mídias tais como filmes, séries, documentários, músicas, fotografias,, reportagens, dentre outras. (ROJO, 2012, p. 84-92).

Novas formas de comunicação vindas dos avanços tecnológicos apontam para um novo olhar aos rumos de ensino aprendizagem. Como num processo de “abrir e fechar de olhos,” notamos que a sociedade mudou na forma como nos relacionamos, na busca pelo conhecimento, no processo comunicativo e assim sucessivamente. Dessas mudanças surgem também novas necessidades de aprendizagem com novos recursos vinculados à tecnologia.

Rojo (2012) nos mostra a necessidade dos multiletramentos juntamente com:

novas ferramentas que vão além do papel, lápis, caneta, giz e lousa. É preciso recursos audiovisuais, computadores, tablets, celulares, mídias diversas e internet de qualidade disponíveis para que se possa extrair conteúdos de qualidade e dessa forma estimular os alunos na sua formação de cidadão crítico. (ROJO, 2012, p. 21).

A partir dessa reflexão, concordamos com Rojo (2012) que as tecnologias como

ferramentassão fundamentais, principalmente nos dias de hoje, para se ministrar aulas de qualidade na formação crítica do aluno. Com o uso das tecnologias existentes é possível ofertar textos das mais variadas fontes e gêneros contribuindo assim para formação de boas “redes neurais” do processo crítico, criativo e por fim cognitivo desse aluno. Com essa proposta os multiletramentos surgem de uma visão de mente, sociedade e aprendizagem baseada na suposição de que a psique humana é incorporada, situada e social, dotada de processos interativos usualmente mediadas pelas TDICs.

Para Kalantzis; Cope & Pinheiro (2020) toda essa nova forma de ver e pensar a educação leva-nos à discussão e a uma nova forma de ensino com uma complexa integração de fatores como o mundo que vivemos, o meio, propósitos sociais e a aprendizagem e para que haja um real envolvimento dos educandos, se faz necessária a motivação que levará esse aluno a perceber que o ato de aprender será sempre útil para algo conforme interesses próprios.

De acordo com Rojo (2012), as práticas de multiletramentos, que surgiram por meio de estudos do Grupo Nova Londres³ apontam para uma prática pedagógica que se esquivava de um processo de transmissão direta do conhecimento, ou por repetição, memorização, ou seja, busca se distanciar da proposta tradicional de ensino e aprendizagem. Na proposta dessa nova pedagogia multiletrada, busca-se uma relação de esforços colaborativos entre professor-aluno-conteúdo criticidade-tecnologia. Dessa construção é possível formar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

Seguindo nesse raciocínio de Kalantzis; Cope & Pinheiro (2020) a Pedagogia dos Multiletramentos visa desenvolver a capacidade ativa na construção dos conhecimentos, buscando com isso não só o conhecimento pelo conhecimento, mas por meio deles a sensibilidade para as diferenças, para as mudanças e inovações. Gerando, dessa forma, um processo mais produtivo, relevante e criativo capaz de transformação de vida.

As inovações tecnológicas com as quais nos deparamos na atualidade geram transformações nas práticas socioculturais, gerando com isso, através das mídias e ferramentas tecnológicas, novas práticas de linguagem, uma vez que muito de nossa comunicação hoje é por meio de ferramentas digitais.

³ Grupo Nova Londres (GNL) Grupo de estudos e pesquisas sobre educação, linguagem e tecnologia e criadores da Pedagogia dos Letramentos e Multiletramentos. Tal Pedagogia surgiu através de uma reunião que aconteceu em Londres em 1996. (ROJO; MOURA, 2012 p.11-12).

Com essas novas práticas proporcionadas por esse mundo digital, vai surgir também a configuração de uma “nova escola” que buscará propor para seus educandos multiletramentos não somente digitais, mas que estes consigam usar sabiamente as tecnologias em busca de seus aprendizados. Anuímos com Rojo (2012) quando nos diz que:

a partir do advento das novas tecnologias em rede (internet) e dos recursos multimidiáticos e multissemióticos mobilizados na prática dos multiletramentos, instauram-se visões mais complexas das práticas sociais e de linguagem, culminando em novas produções culturais de maneira mais plural e diversa. (ROJO, 2012, p. 214).

Existem desafios com a Pedagogia dos Multiletramentos e o maior deles é o de preparar os alunos para não serem usuários passivos, mas exercerem o senso crítico analisando as informações que lhes são propostas. Fazer uso consciente da internet é uma necessidade, cabe aqui ao professor a instigação e o desafio aos alunos por meio do cultivo do diálogo e da flexibilidade, cuidando sempre para não entregar conteúdos prontos e acabados para esse aluno como se esse fosse uma tábula rasa sem qualquer conhecimento prévio.

Reforçamos de acordo com Kalantzis; Cope & Pinheiro (2020) que a tecnologia não substitui o professor, mas lhe dá mais importância, até porque nem todos os estudantes têm acesso a ela, ou equipamentos que lhes insiram no mundo das conexões, então o docente terá que lançar mão de outros recursos para que esses discentes também possam aprender. Com isso, podemos dizer que as tecnologias não resolvem todos os problemas, mas ampliam horizontes por meio de novas visões de mundo e aproximação de pessoas.

Enfim, observamos que no Brasil, ainda temos que lidar com as diferentes formas de Educação: a presencial, a híbrida, a distância e a remota, onde a primeira prevalece-se sobre as demais em muitos casos. É muito provável que agora, em tempos de pandemia da COVID 19, em que os alunos se viram obrigados a realizar seus estudos de maneira remota seja possível uma melhor consideração a esse trabalho de se fazer aulas fora dos espaços presenciais e utilizando-se das tecnologias. Temos que nos atentar com o processo ensino aprendizagem como um todo, sem fechar os olhos para os recursos tecnológicos que são ferramentas fundamentais da Pedagogia dos Multiletramentos.

3 Do híbrido ao remoto: impressões docentes em um curso superior

Com o isolamento social devido à pandemia do novo Coronavírus, a paralisação das atividades acadêmicas presenciais fez com que as Universidades e Instituições Educacionais repensassem suas formas de atuação e suas formas de ensino a fim de promover uma aprendizagem significativa e necessária aos seus alunos.

Vamos focar nossas observações para um Curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior Privada de Campo Grande – MS na modalidade semipresencial (ou híbrida) em que os estudantes têm aulas uma vez por semana com professor em sala e todo o suporte de guias didáticos, atividades, tira-dúvidas, dentre outros via ambiente virtual de aprendizagem.

Os encontros presenciais se fizeram como o diferencial para a aderência de estudantes no curso. Muitos, logo nos primeiros momentos de aula, mencionaram esse fator como preponderante para a escolha da IES. Para Vasconcelos

A aula, momento de encontro entre professores e alunos, é o espaço privilegiado do processo de ensino-aprendizagem para o qual o professor se preparou. Essa aula foi pensada a partir do conhecimento de um aluno real, com suas particularidades geográficas, sociais e culturais e seus interesses específicos. Esse aluno real fala hoje a linguagem da tecnologia, e é dessa linguagem que o docente deve se aproximar, tirando dela o melhor proveito para atrair a atenção, despertar o interesse e estabelecer o diálogo como canal de aprendizagem (VASCONCELOS, 2019, p. 70).

Até a segunda semana de março de 2020, as aulas presenciais semanais ocorriam de maneira contínua até que com a publicação de dois decretos municipais (14.189 de 15 de março de 2020 e 14.211 de 21 de março de 2020) que datava as ações de enfrentamento e as medidas de isolamento para a COVID-19 (CAMPO GRANDE, 2020a/ 2020b), as aulas do Curso tiveram de ser suspensas.

A partir de então, as aulas passaram a ser ministradas via Google Meet (uma ferramenta da Google para reuniões on-line), e as demais atividades do curso continuaram a ser desenvolvidas via ambiente virtual que os discentes já estavam acostumados. Dessa forma, os docentes do curso precisaram adequar-se ao novo modelo de aula, foram feitas algumas reuniões e participaram de formações continuadas que para Godói e Silva,

ocorre quando os professores estão em pleno exercício de sua profissão. Essa modalidade constitui-se com atividades planejadas por instituições ou até pelos próprios professores, de modo a permitir o desenvolvimento profissional e aperfeiçoamento do ensino que ministram. (GODÓI E SILVA, 2016, p 171.).

Assim, quando iniciaram as aulas on-line com os estudantes, os docentes desenvolveram uma sondagem com eles a fim de aferir quais eram os anseios com relação ao novo modelo de ensino e, a partir das respostas, foram delineando suas práticas pedagógicas e aderindo ao uso de novas ferramentas tecnológicas para ampliar o processo de aprendizagem

no ambiente virtual, on-line (em que o aluno faz uso de ferramentas tecnológicas digitais). É uma realidade com a qual todos os professores irão se defrontar num curto espaço de tempo e, portanto, é melhor conhecê-la para assim melhor capitalizar seus pontos positivos, em favor de uma aprendizagem significativa. Certo está que tal decisão será institucional e a ela professores e alunos deverão adaptar-se (VASCONCELOS, 2019, p. 70).

A partir de então ao redesenharem suas práticas visando a uma boa aprendizagem dos estudantes, percebemos seis pontos dos quais necessitamos pensar sobre para que tais ações didático-pedagógicas se concretizassem com êxito no âmbito de um curso de graduação em licenciatura na modalidade híbrida.

O **primeiro ponto** que se percebeu foi o inicial desconforto da migração do Ensino Híbrido para o Ensino Remoto Emergencial. A mudança do (semi)presencial para o on-line impactou as vidas dos alunos de certa forma, que nas primeiras semanas de aulas, houve um aumento significativo na evasão via aulas pelo Google Meet.

Para tanto, como **segundo ponto**, foi necessário promover algumas adaptações aos discentes e docentes com uso dos aplicativos das ferramentas da Google, bem como no ambiente virtual de aprendizagem utilizado. Para Camargo & Daros (2018, p. 62-63)

por meio desses programas, os estudantes e professores têm a possibilidade de se relacionarem, trocando informações e experiências, realizam trabalhos individuais e em grupos, promovem debates e fóruns, entre outras formas de tornar a aprendizagem mais significativa.

Adaptadas as tecnologias digitais, passamos para um **terceiro ponto** de nossas reflexões que foi um aumento na participação dos alunos. Como adaptações podemos mencionar que a redução do tempo de aula de 3 horas e meia para 1 hora e meia de aula

on-line a criação de atividades extras para que a outra 1 hora e meia prevista no Projeto Político do Curso fosse cumprida.

Com relação a essas adaptações Rojo menciona que

essa mudança de concepção e de atuação, já prevista nas próprias características da mídia digital e da web, faz com que o computador, o celular e a TV cada vez mais se distanciam de uma máquina de reprodução e se aproximem de máquinas de produção colaborativa [...]. Todas essas ferramentas mais recentes permitem (e exigem, para serem interessantes, mais que a simples interação, a colaboração (ROJO, 2012, p. 24).

Em consequência disso, passamos para o **quarto ponto** que foi um retorno à participação dos estudantes às aulas. Percebemos um aumento do número de alunos na sala de aula virtual, pois acreditamos que estes, com as adaptações feitas para o processo de aprendizagem, conseguiram organizar-se para assistirem a 1h30min de aula e depois desenvolver as outras 1h30min de autoestudo.

Além disso, os docentes passaram a desenvolver bases de aprendizagem em que colocaram os estudantes como o foco desse processo, uma vez que tais metodologias, conforme citam Fialtro & Cavalcanti (2018, p. 07) são vistas como “[...] um tipo de inovação incremental que pode ser adotado dentro do circuito escolar-universitário, sem desorganizar a estrutura clássica das instituições de ensino”.

Pautados no trabalho das metodologias criativas de ensino, os professores convidaram especialistas de área para dialogarem com os estudantes, sendo este o **quinto ponto** a ser refletido. A vida de professores, pesquisadores e outros especialistas nas áreas em que tematizavam as disciplinas ministradas foram de grande valia, pois, além de incrementar a aula virtual, trouxe também um acesso a realidade profissional dos estudantes, fazendo-os interagir mais com a disciplina, com o docente e com os colegas.

Para Bandeira

As formas de transmissão desse novo saber relacionam-se a trocas de experiências pessoais. Fato semelhante em que se dá em quase todos os contextos. As maiores estratégias de aprendizagem utilizadas na sociedade, de forma geral, são [...] articular os dados e as diversas teorias trazidas. (BANDEIRA, 2010, p. 122).

As novas formas de relação com o saber fizeram também uma nova forma de promover a comunicação integrada entre os pares da aprendizagem no curso de

Pedagogia: o nosso **sexto ponto** foi pensar no aumento da interação por meio das mídias digitais em especial o WhatsApp e o Instagram. A criação de grupos no WhatsApp contribuiu para a ampliação do debate entre docentes e discentes de forma a sanar questões em aberto que só seriam findadas na “aula presencial”. Quanto ao Instagram, os discentes e docentes passaram a veicular vídeos próprios e de outros influencers para que houvesse uma complementação ou exemplificação do que foi exposto.

O agravamento da pandemia e o isolamento social propiciou a sociedade um movimento de reflexão e reorganização das práticas cotidianas. No caso das atividades de ensino e aprendizagem, professores e alunos redesenharam suas formas de ver e compreender o mundo de maneira digital e que promovesse em cada um, novas formas de letramento e de se (re)pensar as práticas sociais e educacionais.

Considerações finais

A formação docente constitui-se na medida em que o professor desenvolve os saberes necessários como atividade do trabalho pedagógico. Cabe a ele entender que a prática pedagógica, considerada fundamental, é a composição entre os conteúdos formais e as experiências dos alunos preocupando-se, então, com o ensino contextualizado e com o aproveitamento das experiências pessoais na construção do conhecimento a partir do objeto do trabalho educativo do professor.

Nessa perspectiva, Tardif (2011) menciona que os saberes profissionais dos professores são temporais, no sentido de que os primeiros anos de prática profissional são decisivos na aquisição do sentimento de competência e no estabelecimento das rotinas de trabalho, ou seja, na estruturação da prática profissional.

Dessa forma, pensar nas relações com o saber promovem (promove) a necessidade do pensar na formação eficaz de professores. Ainda nessa perspectiva, entendemos que a Educação tem um papel fundamental na articulação dos conhecimentos e estudos relacionados a estas teorias, uma vez que ela lida diretamente com as relações entre escola e sociedade.

Portanto, a oportunidade de trabalhar com esses novos desafios deve estimular no docente uma chance de reavaliar seus métodos pedagógicos e didáticos de avaliação de aprendizagem, com isso pode-se aperfeiçoá-los e assim adaptá-los a todo tipo de

aluno e, com isso, buscando um melhor aproveitamento do processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Daniela P. Trajetórias dos Estudantes Universitários dos Meios Populares em busca de Letramento Digital. In: RIBEIRO, A. E; VILLELA, A. M. N; SOBRINO, J. C; SILVA, R. B. (Orgs.). **Linguagem, Tecnologia e Educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A Sala de Aula Inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CAMPO GRANDE. **Decreto n. 14.189, de 15 de março de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo Coronavírus – COVID-19, e dá outras providências. Campo Grande: PMCG, 2020a.

CAMPO GRANDE. **Decreto n. 14.211, de 20 de março de 2020**. Determina toque de recolher em todo o território do município de Campo Grande, para enfrentamento da pandemia decorrente do Coronavírus - COVID-19 e dá outras providências. Campo Grande: PMCG, 2020b.

FIALTRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina. C, **Metodologias Inov-ativas na Educação Presencial, a Distância e Corporativa**. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

GODÓI E SILVA, K. A. de. Processo de Formação Continuada de Professores do Ensino Superior: significados da escolha e avaliação de materiais didáticos digitais. In: GODÓI E SILVA, K. A. de; PANIAGO, M. C. L. (Orgs.). **Educação na Era Digital: entrelaçamentos e aproximações**. Curitiba: Editora CRV, 2016.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Trad. Petrilson Pinheiro. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2020.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Estratégias de Ensino, 29).

SILUS, Alan; FONSECA, Angelita L. C; JESUS, Djanires L. N. Desafios do Ensino Superior Brasileiro em Tempos de Pandemia da COVID-19: repensando a prática docente. **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, e. 5336, dez-2020. p.01-17, 2020b.

SILUS, Alan; FONSECA, Angelita L. C; JESUS, Djanires L. N. Discursos Pedagógicos em “Nuvens”: olhares ao trabalho docente na Educação Superior com o Ensino Remoto Emergencial (ERE). **InterLetras**. Dourados (MS), v. 9, n. 32, out-2020 – mar-2021. p. 01-18, 2020a.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 12. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

VASCONCELOS, Maria Lúcia C. M. A Internet e as Novas Tecnologias como Recursos Didático-Pedagógicos: entre o uso e a perplexidade. **Estudos Semióticos**. São Paulo, v. 15, n 02, p. 63-73, dez. 2019.